

## **ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA RAIVA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS NA ÁREA DO PORTO**

**Correia Ferronha**

Pedopsiquiatra e docente da Universidade Lusófona do Porto  
(e-mail: jose.ferronha@gmail.com)

**Natália Pereira**

Psicopedagoga e docente da Universidade Lusófona do Porto  
(e-mail: natalia.pereira@ulp.pt)

<http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v1.203>

*Fecha de Recepción: 17 Enero 2016*

*Fecha de Admisión: 15 Febrero 2016*

### **RESUMO**

Os autores estudaram o nível de raiva em 33 adolescentes institucionalizados em estabelecimentos que acolhem jovens em risco, e ainda o tipo de vinculação que eles têm. Este estudo visa conhecer melhor os jovens no sentido de implementar estratégias de intervenção que permitam melhorar o comportamento social de jovens em risco, a sua integração nas instituições e necessitados de medidas educativas especiais. Foram utilizados para este estudo dois instrumentos já aferidos para a população adolescente portuguesa e que são: o inventário Traço da Expressão de Raiva, que fornece medidas concisas da experiência e expressão da raiva (STAXI), e o Inventário de Vinculação na Adolescência - IPPA (Armsden & Greenberg, 1987; versão portuguesa: Lúcia Neves, 1995). Os resultados obtidos no STAXI foram comparados com os resultados obtidos por Ana Pais, no seu trabalho de mestrado em 2000, com uma população de 552 adolescentes, distribuídos pelos dois sexos, e permite-nos identificar nestes jovens institucionalizados variáveis no STAXI em média mais altas e, além disso, confirmar que a vinculação aos pais e aos amigos é estatisticamente diferente com valores de vinculação insegura mais elevada aos pais e amigos nos adolescentes institucionalizados do que numa população não institucionalizada.

**Palavras chave:** adolescência; vinculação; relação na instituição

### **SUMMARY**

#### **Study of attachment and anger in adolescents institutionalized in the Oporto area**

The authors studied the anger level in 33 adolescents institutionalized in establishments that welcome young people at risk, and even the type of attachment that they have. This study aims to better understand young people and how to implement intervention strategies to improve the social

## ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA RAIVA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS NA ÁREA DO PORTO

behavior of those young people at risk and their integration in the institutions and take special educational measures. We used for this study two instruments already assessed for Portuguese adolescents and these were: the inventory Trace of Anger Expression that provides concise measures of experience and expression of anger (STAXI) and the Inventory Attachment in Adolescence-IPPA (Armsden & Greenberg, 1987; English version: Portuguese version of Lucia Neves, 1995). The results obtained in STAXI were compared with the results obtained by Ana Pais, in his master's work in 2000, in a population of 552 adolescents, distributed by both sexes, allows us to identify these variables in institutionalized adolescents in STAXI. The means of those variables confirm that the State Rage and Trait Rage are higher in these institutionalized adolescents, On the other side the attachment to parents and friends is statistically different with higher insecure attachment values parents and friends in institutionalized adolescents than in a population not institutionalized.

**Keywords:** adolescence attachment; Trait rage; State rage; relationships in the institution.

### INTRODUÇÃO:

A raiva, a hostilidade e a agressão são conceitos muito utilizados quando se aborda a personalidade dos adolescentes e que provocam neste período do desenvolvimento humano muitas preocupações e estudos a comprová-lo quanto à expressão da desadaptação social neste período da vida humana. O questionário de auto avaliação construído por Charles D. Spielberger contém 44 itens, os quais formam seis escalas e duas subescalas construídos também em colaboração com L. Barker e outros. Este instrumento por nós utilizado destina-se a avaliar a intensidade da raiva como estado emocional e as diferenças individuais enquanto traço de personalidade na predisposição para a raiva. Utilizamos este instrumento tal como Ana Pais, na versão portuguesa de Silva, D., Campos, R. e Prazeres, N. O sentimento de raiva, tal como é medido no STAXI, é composto por 2 sentimentos: Estado de raiva e Traço de Raiva.

A expressão de raiva é definida como englobando três componentes:

O Estado de Raiva é definido como um estado emocional caracterizado por sentimentos subjetivos de intensidade diferente, que vão desde a irritação moderada à raiva e fúria intensa. Este estado emocional ocorre com tensão muscular e ativação do sistema nervoso autónomo, remetendos aqui para a importância neste estudo aceitando, com outros autores recentes, que a vinculação é um sistema organizador do centro neurofuncional da resposta ao stress. A intensidade da raiva varia na razão direta do sentimento de ser alvo de situações injustas, de ataques ou do sentimento, de ser objeto de tratamento injusto por parte dos outros, bem como de frustrações em relação com obstáculos colocados à prossecução dos seus objetivos.

O Traço de raiva é definido como a predisposição para perceber um vasto conjunto de situações frustrantes ou irritantes e desta forma responder às frustrações com aumentos frequentes do Estado de Raiva.

A Expressão da Raiva compreende três componentes:

Raiva Out - que equaciona a expressão da raiva para com objetos e pessoas (anger out);

Raiva In - que representa a supressão dos sentimentos de raiva (anger In);

Raiva Controlo - que corresponde à tentativa de expressão da raiva (anger control).

Os nomes e os itens avaliados e o comportamento de raiva avaliados em cada escala são seguidamente apresentados:

Estado de Raiva é uma escala com 10 itens que mede a intensidade de sentimentos de raiva num determinado momento.

Traço de Raiva (anger T) é uma escala com 10 itens que mede as diferenças individuais na disposição para sentir a raiva.

A escala Raiva Traço tem dois subconjuntos:

Traço de Raiva Temperamento (Angry Temperament): é uma escala com 4 itens e que mede a tendência geral para experienciar ou exprimir raiva sem ser provocado a tal.

Traço de Raiva Reação (Angry Reaction): é uma subescala de 4 itens de Raiva T e que mede as diferenças individuais na predisposição para exprimir raiva quando criticado ou tratado injustamente pelas outras pessoas.

Raiva In: corresponde à internalização da Raiva, compreende 8 itens da expressão da raiva, e mede a frequência com que os sentimentos de raiva são contidos, reprimidos ou guardados e que nos remetem para a conceção psicanalítica da repressão inconsciente.

Raiva Out: é a variável que mede a frequência com que o indivíduo exprime raiva contra pessoas ou objetos que rodeiam no seu ambiente e que se regista em 8 itens de expressão de raiva.

Controlo de Raiva: é uma escala com 8 itens e que mede a frequência com que o indivíduo tenta controlar a expressão de Raiva.

Expressão da raiva: É uma escala baseada nas respostas aos 24 itens das escalas de Internalização de Raiva, Externalização de Raiva e Controlo de Raiva, em que o resultado numérico se obtém somando o resultado da Raiva In com o resultado da Raiva Out, subtraindo o valor do Controlo de Raiva e adicionando a constante 16.

## A VINCULAÇÃO

A vinculação é um tipo particular de reportório comportamental que visa manter e estabelecer o contacto de uma criança com o cuidador, habitualmente a mãe. Bowlby acentuava a importância da vinculação e visava estabelecer a proximidade com a progenitora e a sua importância para proteger dos perigos constituindo-se como uma base segura. O comportamento de vinculação ativado inibe o comportamento exploratório. O modelo de vinculação humana uma vez estabelecido tende a manter-se estável. O modelo de vinculação para além da importância que se revela na regulação psicobiológica tem importância por constituir um modelo de relações interpessoais alicerçadas na confiança básica.

A adolescência é um período do ciclo de vida humana em que se verificam grandes transformações ao nível corporal, ao nível psíquico e ao nível social.

Uma das tarefas importantes dos adolescentes é poder desenvolver um relacionamento com os pais mais maduro, isto é, mútuo e menos dependente.

As investigações recentes mostram que a autonomia é mais facilmente conseguida na base de uma vinculação segura com os pais e que esta durará para além da adolescência.

Na adolescência as necessidades de vinculação são transpostas para os amigos. Esta transferência também envolve transformações sobre o ponto de vista hierárquico na medida em que o jovem sendo de início um recetor primário de cuidados torna-se também um prestador de cuidados. Na adolescência os jovens passam cada vez menos tempo com os pais processando-se um movimento que vai da dependência infantil à reciprocidade mútua. Neste movimento é muito importante uma vinculação segura aos pais que permitirá aos adolescentes aventurarem-se no mundo complexo da emocionalidade adulta. A vinculação segura aos pais permite uma base segura de suporte emocional.

Das características comportamentais que permitem e provocam uma vinculação segura e um desenvolvimento da autonomia, podemos referir a disponibilidade psicológica, a capacidade de escutar o jovem, a atenção prestada ao comportamento mas também a capacidade de colocar limites ao comportamento, a aceitação pelos pais da individualidade de tal forma que este se sinta aceite tal como é. Os estudos efetuados em populações não institucionalizadas revelam que os jovens com vinculação segura são avaliados pelos seus companheiros como sendo menos ansiosos, menos conflituosos e que são capazes de regular melhor os seus sentimentos. Têm uma maior resiliência comparada com os adolescentes inseguros.

## ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA RAIVA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS NA ÁREA DO PORTO

Os jovens com uma vinculação segura têm um comportamento de rejeição do mundo das drogas e por outro lado têm um comportamento caracterizado por uma baixa procura de sensações (Barnea, Teichman e Rahav, 1992, in Cassidy, 1999). A vinculação segura à mãe está associada a um menor consumo de drogas e uma menor experimentação de drogas psicotrópicas (Cooper et al., 1998, in Cassidy, 1999). A preferência e a identificação com os pais sobre a preferência para com os amigos está associada a uma recusa, quer direta, quer indireta do uso de drogas (Brook, Whiteman & Finch, 1998, in Cassidy, 1999) e um estilo de baixa procura de sensações. Kirsten Voss (1999) estabeleceu uma relação entre a vinculação amedrontada à mãe à expressão da delinquência e a um maior consumo de drogas como resposta a emoções negativas e a conflitos com os outros.

O diálogo entre pais e filhos, um tema tão caro aos profissionais da Saúde Mental, permitiria aos pais acompanhar melhor as dificuldades decorrentes da construção da identidade na Adolescência.

Estão referidas na literatura, investigações ao longo da Infância e Adolescência (Cassidy, 1999), que avaliaram os antecedentes psicológicos preditivos do uso ulterior de drogas, tal como o estudo em Woodlawn, de Kellam e colaboradores, em 1975, e de Kellam, Brown, Rubin Ersminger, em 1983, em que estudaram um grupo de crianças negras no meio urbano a partir dos 6 anos de idade. No estudo em Woodlawn, Kellam e colaboradores verificaram que as características psicológicas avaliadas aos 6-7 anos prediziam o uso de drogas aos 16-17 anos, portanto uma década mais tarde.

Um outro estudo de Jeamme e Jack Block realizado num infantário da baía de S.Francisco (in Cassidy, 1999) também encontrou uma relação significativa entre o comportamento e o uso ulterior de drogas pelos 14 anos. Estes estudos confirmam a existência de antecedentes comportamentais que levam a ulterior utilização de drogas na Adolescência.

Pelos 6-7 anos de idade, conforme se verificou nestes estudos, estas crianças que mais tarde serão utilizadores de drogas, apresentavam sinais de alienação, de baixo controlo e mal-estar emocional que serão aparentes quando atingem a adolescência. Estes sinais estão bem assinalados no Inventário de Vinculação utilizado.

O comportamento emocional pode ser verificado pelo menos em parte em observações registadas de interação mãe criança quando os intervenientes nos estudos tinham 5 anos de idade. Nestas investigações as mães eram percebidas pelos observadores como sendo críticas, rejeitantes e não sensíveis ou responsivas às necessidades das crianças.

A vinculação é um modelo teórico que permite compreender as interações comportamentais com os pais e a sua relativa estabilidade ao longo do desenvolvimento.

O conhecimento do tipo de vinculação na Adolescência permite ajudar a promover na família um clima de maior confiança e comunicabilidade, segundo um modelo educativo e/ou psicoterapêutico, em que é possível aceder de uma forma compreensível aos comportamentos dos adolescentes, muitas vezes entendidos como absurdos ou reprováveis.

Com este modelo podemos compreender uma das razões da ingestão de drogas que sabemos serem usadas para alterarem o estado emocional dos sujeitos incapazes de efetuarem uma ajustada regulação emocional, fruto das experiências passadas gravadas nas suas memórias sob a forma de constructos mentais negativos sobre as relações humanas.

Neste aspeto, é de particular importância percebermos o tipo de percepção que os jovens têm das relações precoces. A narrativa das relações precoces com os pais é frequentemente distorcida pela idealização ou pela negação desses momentos privilegiados da construção dos esquemas mentais que presidem à regulação psicobiológico e nomeadamente à regulação emocional. Um teste projetivo que utilizamos numa investigação em adolescentes toxicodependentes, o Desenho de Círculos Representativos da Família, permitiu reforçar a ideia de que a vinculação avaliada no Inventário de

Vinculação de Adolescentes e em escalas de vinculação de adultos aferidas pra a população portuguesa, e já estudadas também por nós, revelou que numa vinculação insegura, nos desenhos em formas de 2 círculos em que um representa a mãe e o menor, e outro desenho em que um círculo representa o menor e o pai, os adolescentes desenharam círculos mais afastados e com uma maior distância entre os centros que os adolescentes de uma população média, com valores que são estatisticamente muito significativos e revelam o modelo de percepção que têm das relações com os pais antes dos 5 anos e que é o de um grande distanciamento.

### **A RELAÇÃO ENTRE A RAIVA E A VINCULAÇÃO**

O trabalho-de Bowlby que muito cedo se debruçou sobre a separação dos pais e as alterações emocionais decorrentes da institucionalização, é um tema refletido na sua obra monumental vinculação e perda. Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, as crianças órfãs e sem lar apresentaram muitas dificuldades, e o psiquiatra e psicanalista John Bowlby foi convidado pela Organização das Nações Unidas a escrever um panfleto sobre o assunto. Posteriormente, ele formulou a teoria do apego. Melhor do que ninguém, ele estava sensível a este tema porque tal como outras crianças em período de guerra, ele havia sido separado dos pais e institucionalizado na primeira grande guerra e daí ter sentido na pele a raiva da separação.

A empatia pode considerar-se e de uma certa forma um contraponto à agressão. Se a agressão, de uma certa forma, reflete uma alienação em relação aos outros, a empatia traduz uma ligação aumentada. Enquanto a agressão traduz uma rutura ou uma deformação da regulação diádica, a empatia reflete um aumento da coordenação afetiva. De facto, podemos dizer que a agressividade está dependente da falta de empatia ou seja da identificação emocional com os outros.

A teoria da vinculação prevê o desenvolvimento da capacidade empática e não só as propriedades básicas do relacionamento no contexto da relação de vinculação. A resposta subjacente à relação de segurança, que a vinculação concede, é previsível que dê origem à empatia (Sroufe & Fleeson, 1986). Tal como Bowlby chamava a atenção, prover a criança das suas necessidades não a condena à dependência mas ante serve de plataforma que permite a autoconfiança já que lhe dá um sentido de eficácia em relação ao ambiente. Da mesma forma, uma criança que é tratada de uma forma empática não fica mimada, antes se transforma numa criança empática e pouco agressiva. As investigações em adolescentes de Henry, Sager e Plunkett (1996) mostraram como o suporte familiar, sob a forma de grande recetividade aos adolescentes e a coesão familiar, está correlacionada positivamente com as atitudes empáticas dos adolescentes. Os estudos de Motta, Falcone, Clark & Manhães, em 2006, mostraram a relação entre os diferentes modelos de práticas educativas e o nível de desenvolvimento da empatia.

No estudo realizado por Laible, Carlo e Roesch, em 2004, na Universidade de Nebraska, com 246 jovens no final da adolescência, em que a vinculação com o IPPA, a auto estima e a empatia foi avaliada, permitiu chegar à conclusão que a vinculação aos pares estava associada a altos níveis de empatia. Este resultado é consistente com a noção de que um relacionamento próximo e de suporte aos pares provavelmente dá aos adolescentes uma oportunidade única para desenvolver uma leitura do comportamento numa outra perspetiva, a empatia. Tal como outros autores já o mostraram a relação com os amigos permite um relacionamento distinto do dos pais atendendo ao facto de ser uma relação baseada na igualdade e na reciprocidade, a qual fornece as condições ótimas para a aquisição de comportamentos que refletem a preocupação com os outros e a bondade ao próximo (Youniss, 1985). Piaget e Sullivan chamaram a atenção para a importância das relações com os pares para a construção e aquisição do sentimento moral. Laible, Carlo e Ruesch são da mesma opinião pelos resultados apresentados na sua investigação. No entanto, embora encontrassem que a vinculação aos amigos apresentava uma correlação positiva ao comportamento social, esta correla-

## **ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA RAIVA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS NA ÁREA DO PORTO**

ção provou ser pela empatia. Concluíram então que a relação com os pares exerce influência sobre a autoestima através do desenvolvimento de emoções sociais, tal como a empatia. A empatia neste estudo estava relacionada com a referência a relatos de comportamentos sociais dos adolescentes estudados.

Os adolescentes que apresentavam níveis elevados de empatia relatavam mais comportamentos pró-sociais e menos comportamentos agressivos. Estes resultados estariam de acordo com outras investigações que ligam a qualidade da empatia à qualidade do funcionamento social (Eisenberg & Mussen, 1985; Murphy et al., 1999; Saarni, 1990, in Laible, Deborah J., 2004). Os jovens que têm um nível elevado de empatia e são capazes de compreenderem a perspetiva do outro sentem-se responsáveis pelo bem-estar dos amigos e estão motivados para reduzir o seu mal-estar (Eisenberg & Fabes, 1998, in Laible, Deborah J, 2004). Do mesmo modo, a empatia tem sido associada a agressividade e a uma deficiência nos componentes cognitivos da empatia, particularmente deficiência nos processos cognitivos da interação social (Crick & Dodge, 1994 ) e na capacidade de ler a perspetiva do outro (Eisenberg 1986 ).

### **METODOLOGIA DO ESTUDO:**

A metodologia utilizada neste estudo foi a metodologia quantitativa.

2-A amostra neste estudo é constituída por 33 adolescentes de ambos os sexos, dos 10 aos 17 anos, e que estão institucionalizados em dois estabelecimentos do Norte de Portugal que visam a promoção da saúde mental e o desenvolvimento psicossocial de jovens de famílias em risco.

Foram utilizados para este estudo dois instrumentos já aferidos para a população adolescente portuguesa e que são: o inventário Traço da Expressão de Raiva, que fornece medidas concisas da experiência e expressão da raiva (STAXI), e o Inventário de Vinculação na Adolescência - IPPA (Armsden & Greenberg, 1987; versão portuguesa: Lúcia Neves, 1995).

A versão inicial deste instrumento o Inventory of Adolescent Attachment (IPPA) (Greenberg, 1982, cit. por Lúcia Neves), foi elaborado para avaliar tanto a qualidade afetiva das relações do adolescente com os pais e com os amigos, como para conhecer a frequência de procura de proximidade de pessoas significativas em situações de Stress.

O instrumento utilizado para avaliar o comportamento de adaptação e a agressividade dos jovens institucionalizados foi um pequeno questionário, elaborado por nós, com respostas de tipo Likert e que é apresentado no final deste trabalho. Este questionário foi aplicado nas instituições em estudo pelas psicólogas conhecedoras do comportamento dos jovens institucionalizados.

### **RESULTADOS:**

Os resultados obtidos e após a análise estatística com o SPSS 19 permitiram ver que a distribuição da amostra de conveniência não é representativa da população geral dos jovens mas apontam-nos resultados encontrados valores significativos para reflexão e estudo ulterior.

O quadro abaixo apresentado mostra a distribuição por idade e sexo dos adolescentes participantes na investigação. A população estudada era constituída por 33 adolescentes sendo 10 raparigas e 23 rapazes com uma média de idade de 14,3 anos.

O estudo da vinculação com os adolescentes institucionalizados permitiu distinguir com grau elevado de probabilidade a amostra dos jovens institucionalizados da população normal que há mais adolescentes com vinculação insegura que na população escolar não institucionalizados.

Há evidência estatística que os jovens institucionalizados têm uma vinculação mais insegura que a população não institucionalizada de adolescentes, conforme o registo abaixo com a execução do teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Quadro 1

**Ranks**

	origem	N	Mean Rank	Sum of Ranks
vinculapai	ESCOLAS	363	203,23	73771,50
	lar	33	146,50	4834,50
	Total	396		
vinculamãe	ESCOLAS	361	201,09	72594,50
	lar	33	158,20	5220,50
	Total	394		
vinculamigo	ESCOLAS	362	202,98	73478,00
	lar	33	143,39	4732,00
	Total	395		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	vinculapai	vinculamãe	vinculamigo
Mann-Whitney U	4273,500	4659,500	4171,000
Wilcoxon W	4834,500	5220,500	4732,000
Z	-3,148	-2,392	-3,315
Asymp. Sig. (2-tailed)	,002	,017	,001

a. Grouping Variable: origem

2. O estudo das médias das variáveis do STAXI obtidas nas instituições são reveladas no quadro

Quadro 2

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
estadraiva	33	10	37	15,76	7,366
temperamento	33	4	12	7,15	2,938
raivain	33	9	32	18,33	5,475
raivaout	33	10	35	18,76	5,568
controlraiva	33	10	36	21,33	7,074
expressraiva	33	8	53	31,76	10,044
reação	33	4,00	15,00	8,6364	3,38949
traçoraiva	33	10,00	35,00	20,1818	6,97520
Valid N (listwise)	33				

O estudo das médias permite ver diferenças nas variáveis do STAXI em que as médias das diferentes variáveis são manifestamente mais altas nos jovens institucionalizados que na população escolar estudada por Ana Pais registadas no Quadro 3.

**ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA RAIVA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS NA ÁREA DO PORTO**

*Quadro3 - Valores obtidos em 552 adolescentes da população estudantil não institucionalizada*

	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. error Mean
Estado de raiva	Masculino	313	13,66	5,46	,31
	Feminino	239	11,92	3,16	,20
Traço de raiva	Masculino	313	17,36	3,85	,22
	Feminino	239	16,55	3,63	,23
Traço de raiva temperamento	Masculino	313	6,84	1,64	,10
	Feminino	239	6,64	1,63	,11
Traço de raiva reação	Masculino	313	10,53	2,78	,16
	Feminino	239	9,51	2,75	,18
Raiva in	Masculino	313	16,56	4,28	,24
	Feminino	239	16,12	4,50	,29
Raiva out	Masculino	313	15,16	4,06	,23
	Feminino	239	14,44	3,57	,23
Controlo de Raiva	Masculino	313	20,76	5,11	,29
	Feminino	239	20,18	5,05	,33
Expressão de raiva	Masculino	313	26,96	9,21	,52
	Feminino	239	26,38	8,76	,57

O estudo da correlação das variáveis da escala de raiva mostra que há uma relação estatisticamente significativa entre a subescala de vinculação IPPA de Armsden, nos itens da confiança ao pai à mãe e aos amigos, com o Temperamento e com o Traço de Raiva (Quadro 4)

*Quadro 4*

		Correlations					
		confiamãe	confiapai	confiamigos	estadraiva	temperamento	
confiamãe	Pearson Correlation	1	,398	,241	-,585**	-,468**	
	Sig. (2-tailed)		,074	,205	,003	,021	
	N	24	21	24	24	24	
confiapai	Pearson Correlation	,398	1	,410**	-,157	-,602**	
	Sig. (2-tailed)	,074		,042	,454	,001	
	N	21	25	25	25	25	
confiamigos	Pearson Correlation	,241	,410**	1	-,090	-,401**	
	Sig. (2-tailed)	,258	,042		,643	,031	
	N	24	25	29	29	29	
estadraiva	Pearson Correlation	-,585**	-,157	-,090	1	-,204	
	Sig. (2-tailed)	,003	,454	,643		,138	
	N	24	25	29	33	33	
temperamento	Pearson Correlation	,468**	-,602**	-,401**	-,204	1	
	Sig. (2-tailed)	,021	,031	,031	,138		
	N	24	25	29	33	33	
raivain	Pearson Correlation	-,165	,004	,058	-,120	,280	
	Sig. (2-tailed)	,441	,983	,764	,506	,114	
	N	24	25	29	33	33	
raivaout	Pearson Correlation	-,205	-,049	-,245	-,213	,204	
	Sig. (2-tailed)	,334	,818	,200	,233	,138	
	N	24	25	29	33	33	
controiraiva	Pearson Correlation	-,081	-,266	-,150	,006	-,294	
	Sig. (2-tailed)	,705	,199	,437	,972	,097	
	N	24	25	29	33	33	
expressaiva	Pearson Correlation	,232	,158	,059	,179	,605**	
	Sig. (2-tailed)	,275	,422	,762	,319	,003	
	N	24	25	29	33	33	
reação	Pearson Correlation	-,154	,270	-,453**	-,052	-,439**	
	Sig. (2-tailed)	,443	,191	,014	,730	,011	
	N	24	25	29	33	33	
traçoraiva	Pearson Correlation	,377	,601**	,555**	-,115	,814**	
	Sig. (2-tailed)	,009	,002	,002	,525	,000	
	N	24	25	29	33	33	

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).  
 \* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

A vinculação aos amigos é uma variável com muito interesse nesta investigação tal como noutras investigações em que se estuda a relação da vinculação em adolescentes e outras valências emocionais. A Raiva In aparece no quadro abaixo com uma correlação significativa à vinculação aos pais.

No quadro abaixo apresentado podemos constatar a importância da vinculação aos amigos e a correlação apresentada com a Raiva In

Quadro 5

		Correlations				
		vinculapai	vinculamãe	vinculamigo	estadraiva	traçoraiva
vinculapai	Pearson Correlation	1	,355*	-,121	-,613	,146
	Sig. (2-tailed)		,022	,504	,941	,417
	N	33	33	33	33	33
vinculamãe	Pearson Correlation	,355*	1	-,142	-,089	,060
	Sig. (2-tailed)	,022		,431	,621	,741
	N	33	33	33	33	33
vinculamigo	Pearson Correlation	-,121	-,142	1	-,604	-,226
	Sig. (2-tailed)	,504	,431		,982	,203
	N	33	33	33	33	33
estadraiva	Pearson Correlation	-,613	-,089	-,604	1	,652**
	Sig. (2-tailed)	,941	,621	,982		,001
	N	33	33	33	33	33
traçoraiva	Pearson Correlation	,146	,060	-,226	,652**	1
	Sig. (2-tailed)	,417	,741	,203	,001	
	N	33	33	33	33	33
temperamento	Pearson Correlation	-,242	-,155	-,195	-,493**	,823**
	Sig. (2-tailed)	,174	,368	,278	,004	,000
	N	33	33	33	33	33
reação	Pearson Correlation	,017	,014	-,135	,275	,771**
	Sig. (2-tailed)	,926	,936	,454	,117	,000
	N	33	33	33	33	33
raivain	Pearson Correlation	-,151	,061	-,438*	,260	,595**
	Sig. (2-tailed)	,402	,730	,011	,144	,000
	N	33	33	33	33	33
raivaout	Pearson Correlation	,062	-,060	-,269	,285	,745*
	Sig. (2-tailed)	,734	,742	,131	,102	,000
	N	33	33	33	33	33
controlraiva	Pearson Correlation	-,165	-,159	-,119	-,202	-,056
	Sig. (2-tailed)	,303	,375	,610	,255	,787
	N	33	33	33	33	33
expressaiva	Pearson Correlation	,077	-,045	-,262	,395*	,680**
	Sig. (2-tailed)	,669	,803	,141	,023	,000
	N	33	33	33	33	33

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

É possível ver uma relação estatisticamente positiva entre a Raiva In e a vinculação aos amigos e que mostra no quadro abaixo que o grupo de vinculação segura aos amigos tem em relação ao grupo inseguro em relação aos amigos (Quadro 6)

Quadro 6

Test Statistics<sup>a</sup>

	estadraiva	traçoraiva	temperamento	reação	raivain	raivaout	controlraiva	expressaiva
Mann-Whitney U	74,500	64,000	64,000	76,500	39,500	63,500	80,000	57,000
Wilcoxon W	425,500	415,000	415,000	427,500	390,500	414,500	431,000	408,000
Z	-,809	-1,192	-1,197	-,646	-2,273	-1,214	-,486	-1,500
Asymp. Sig. (2-tailed)	,419	,233	,231	,518	,023	,225	,627	,134
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,476 <sup>a</sup>	,249 <sup>a</sup>	,249 <sup>a</sup>	,531 <sup>a</sup>	,021 <sup>a</sup>	,232 <sup>a</sup>	,651 <sup>a</sup>	,143 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: vinculamigo

Nesta investigação utilizamos o questionário anexo para definir o tipo de adaptação e comportamento eventualmente agressivo, bem como o tipo de visitas de familiares (Quadros 7 e 8)

## ESTUDO DA VINCULAÇÃO E DA RAIVA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS NA ÁREA DO PORTO

Quadro 7

		Correlations				
		estadraiva	traçoraiva	temperamento	reação	raivain
estadraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	1 .001 33	.552** 1 33	.493** .004 33	.278 .117 33	.260 .144 33
traçoraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.552** .001 33	1 33	.823** .000 33	.771** .000 33	.598** .000 33
temperamento	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.493** .004 33	.823** .000 33	1 33	.321 .069 33	.386* .026 33
reação	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.278 .117 33	.771** .000 33	.321 .069 33	1 33	.605** .000 33
raivain	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.260 .144 33	.598** .000 33	.386* .026 33	.605** .000 33	1 33
raivaout	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.289 .102 33	.745** .000 33	.591** .000 33	.538** .001 33	.649** .000 33
controtraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	-.202 .259 33	-.056 .757 33	-.303 .067 33	.262 .141 33	.225 .209 33
expressraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.395* .023 33	.680** .000 33	.665** .000 33	.378* .030 33	.644** .000 33
Adaptação ao Lar	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.530** .003 30	.327 .077 30	.319 .085 30	.166 .381 30	-.214 .257 30
Conflito com os/as outros/as jovens	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.118 .541 30	.022 .907 30	-.148 .434 30	.222 .238 30	.100 .578 30
Agressões físicas	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.068 .720 30	-.252 .179 30	-.402* .027 30	.029 .879 30	.043 .820 30

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Quadro 8

		Correlations				
		estadraiva	traçoraiva	temperamento	reação	raivain
estadraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	1 .001 33	.562** 1 33	.493** .004 33	.278 .117 33	.260 .144 33
traçoraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.562** .001 33	1 33	.823** .000 33	.771** .000 33	.598** .000 33
temperamento	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.493** .004 33	.823** .000 33	1 33	.321 .069 33	.386* .026 33
reação	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.278 .117 33	.771** .000 33	.321 .069 33	1 33	.605** .000 33
raivain	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.260 .144 33	.598** .000 33	.386* .026 33	.605** .000 33	1 33
raivaout	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.289 .102 33	.745** .000 33	.591** .000 33	.538** .001 33	.649** .000 33
controtraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	-.202 .259 33	-.056 .757 33	-.303 .067 33	.262 .141 33	.225 .209 33
expressraiva	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.395* .023 33	.680** .000 33	.665** .000 33	.378* .030 33	.644** .000 33
Agressões físicas	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	.068 .720 30	-.252 .179 30	-.402* .027 30	.029 .879 30	.043 .820 30
Dúvidas em relação aos outros jovens	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	-.163 .380 30	-.103 .586 30	-.283 .129 30	.133 .484 30	.034 .857 30
Visitas diárias familiares	Pearson Correlation Sig. (2-tailed) N	-.217 .250 30	-.371** .043 30	-.371** .044 30	-.211 .264 30	-.298 .113 30

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

## CONCLUSÃO

Em conclusão, podemos afirmar que há nestes adolescentes um maior número de jovens com vinculações inseguras aos pais às mães e aos amigos. Consta-se a importância das visitas familiares que têm uma correlação negativa com a Raiva out, com o Traço raiva e o Temperamento.

A adaptação ao lar tem uma correlação muito significativa com o Estado de raiva.

Confirma-se a importância das relações com os pares para a regulação das emoções neste período etário em que há uma correlação muito significativa da vinculação aos pares e a Raiva in.

Como esta é uma amostra pequena a investigação deveria ser reproduzida em outras instituições com aprofundamento do diálogo dos atores destas instituições que estão ávidos de conhecimentos que lhes permitam compreender a originalidade destes movimentos emocionais dos adolescentes em busca de aceitação dos adultos para que também eles possam crescer.

## BIBLIOGRAFIA

- Anastácio, S. (2013). *Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na Adolescência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cassidy, J. e Shaver, P. R. (1999). *Handbook of Attachment*. Theory, Research and Clinical Applications. New York: The Guilford Press.
- Crick, N. e Dodge, K. (1994). A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. *Child Development* 66, 710-722.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss*. Vol. 2. Separation. New York: Basic Books.
- Eisenberg, N. (1986). *Altruistic Emotion, Cognition, and Behavior*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ferronha, C. (2007). *El Apego en Adolescentes Asmáticos*. (Tese de Doutoramento). Universidad de Badajoz, Badajoz.
- Ferronha, C., Teixeira, E. & Souto, T. (2008). Vinculação em Adolescentes Toxicodependentes. *INFAD Revista de Psicologia/ International Journal of Developmental and Educational Psychology*, Nº 1, 191-200.
- Ferronha, C., Almeida, A., Oliveira, L., Teixeira de Sousa, J. & Sousa, V. (2014). Estudo da vinculação e da empatia em adolescentes institucionalizados com acompanhamento psicológico no PIAC (Plano Integrado de Apoio à Comunidade). *INFAD Revista de Psicologia/ International Journal of Developmental and Educational Psychology*, Nº 1 (1).
- Henry, C. S, Sager, D. W. & Plunkett. Adolescents' Perceptions of Family System Characteristics, Parent-Adolescent Dyadic Behaviors, Adolescent Qualities, and Adolescent Empathy. *National Council on Family Relations*. Vol. 45, No. 3 (Jul., 1996), 283-292.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Roesch, S. C. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviours. *Journal of adolescence*, 27 (6), 703-716.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: será significativa a relação com os pais? *INFAD Revista de Psicologia/ International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(3), 461-468.
- Matias, M. (2012). *A Avaliação da Empatia na Adolescência: estudos de validação da versão portuguesa da "Basic Empathy Scale"*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Coimbra, Coimbra.
- Miller, A. e Eisenberg, N. (1988) The Relation of Empathy to Aggressive and Externalizing/Antisocial Behavior. *Psychological Bulletin*, Vol. 103, No. 3, 324-344.
- Motta, D., Falcone, E., Clark, C., & Manhães, A. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11, 523-532.
- Neves, L., Soares, I. & Silva, M. C. (1999). Inventário de Vinculação na Adolescência (I.P.P.A.). In M.

